

DESENHANDO COM A TESOURA: O ENCANTAMENTO NOS ANOS INICIAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA COM A POESIA NA ARTE DE MARIA CININHA

DRAWING WITH SCISSORS: ENCHANTMENT IN THE EARLY YEARS OF BASIC EDUCATION WITH POETRY IN THE ART OF MARIA CININHA

Ana Paula Ferreira Sena ¹
anapaula.8@hotmail.com

Isabela Barp Brogni ²
isabela.brogni@hotmail.com

Izaltina Coelho Barbosa Fernandes ³
i-zaltina@hotmail.com

Marcos Antonio dos Santos ⁴
martoso.artes2020@gmail.com

RESUMO

A presente experiência do Pibid UNESCO, Subprojeto de Artes Visuais está relacionada à poesia presente no desenho enquanto produção cultural da criança. Também trata da importância da construção de um repertório cultural e o papel dos(as) docentes neste processo. E a aproximação das criações da artista Maria Cininha propiciaram uma (re)significação do desenho, da poesia e da experiência na aula de Arte na escola. Reflexão sobre práticas, materiais e possibilidades de proposições pedagógicas diversificadas nas aulas de Arte com crianças dos anos iniciais da Educação Básica. Buscou-se avançar das estereotipadas releituras, de práticas que quase sempre não ultrapassam a aplicação de técnicas engessadas e reduzidas, para significativas experimentações com materiais diversos, abordando a linguagem do desenho em campo ampliado com a colagem. A inserção nos espaços escolares e a atuação em uma abordagem interdisciplinar na escola, marcaram a participação ativa dos acadêmicos bolsistas em todas as etapas das proposições desta experiência.

PALAVRAS-CHAVE: Desenho Contemporâneo na Escola. Linguagem da Colagem. Experiência. Poesia. PIBID.

ABSTRACT

The present experience of Pibid UNESCO, Visual Arts Subproject is related to the poetry present in drawing as a child's cultural production. It also deals with the importance of building a cultural repertoire and the role of teachers in this process. And the approximation of the creations of the artist Maria Cinha

¹ Licenciada em Artes Visuais - UNESCO: acadêmica do PIBID de Artes Visuais atuante na escola da experiência.

² Licenciada em Artes Visuais - UNESCO: acadêmica do PIBID de Artes Visuais atuante na escola da experiência.

³ Licenciada em Artes Visuais - UNESCO: acadêmica do PIBID de Artes Visuais atuante na escola da experiência.

⁴ Professor de Artes em escolas da rede pública Municipal e Estadual em Criciúma/SC; Especialista em Poéticas Visuais na UNESCO (2017-2019), professor supervisor no PIBID de Artes Visuais UNESCO (2014-2019) e professor preceptor no Residência Pedagógica de Artes Visuais UNESCO.

provided a (re)signification of drawing, poetry and experience in the Art class at school. Reflection on practices, materials and possibilities for diversified pedagogical propositions in Art classes with children from the early years of Basic Education. We sought to advance from stereotyped re-readings, from practices that almost always do not go beyond the application of plastered and reduced techniques, to significant experiments with different materials, approaching the language of drawing in an expanded field with collage. Insertion in school spaces and acting in an interdisciplinary approach at school marked the active participation of scholarship holders in all stages of the propositions of this experience.

KEYWORDS: Contemporary Design at School. Collage Language. Experience. Poetry. PIBID.

1 SOBRE CONVITES E CARTAS E O NASCIMENTO DE PARCERIAS, AMIZADES DOCENTES E EXPERIÊNCIAS COM A ARTE...

(...) Como a água do rio
que é água sempre nova.
Como cada dia
que é sempre um novo dia.
Vamos brincar de poesia?

(Convite, José Paulo Paes *In: Poemas para Brincar*)

Um convite: sempre que chega, mexe com quem o recebe, cria expectativas, gera ansiedade, muda o ritmo das coisas, altera a dita normalidade. Um convite é possuidor de certa magia, encanto, é sedutor, envolvente, feito a arte... E a experiência que será compartilhada na presente escrita teve início com a visita de Daniela da Silva, professora na Educação Infantil em uma escola da rede particular de Criciúma, que no final do inverno chegou à nossa escola com um convite: para as crianças da nossa turma do primeiro⁵ ano serem parceiras em projeto que envolvia as suas crianças da turma de Daniela e as demais professoras e turmas do Infantil da sua escola. “Desenhando com a tesoura, vestindo com amor”⁶ era o título do projeto, quanta poesia em um título repleto de sonoridade. Projeto que ganhou parcerias em todo o Brasil, qual foi a alegria quando uma das ações alcançou a nossa turma do primeiro ano com uma carta escrita pelos pequenos do Infantil, o “convite” que chegou pelas mãos da professora/carteira Daniela. E aproximar nossas crianças de uma troca de cartas com a turma da escola da professora Daniela nos provoca a pensar em uma forma de comunicação que está quase em

⁵ Turma dos anos iniciais do Ensino Fundamental da Escola Eliza Sampaio Rovaris (escola da rede municipal de ensino de Criciúma/SC).

⁶ E não apenas a sonoridade o título chama a atenção: o projeto surgiu com a iniciativa da pernambucana Thereza Maria Matos, que inspirou-se na iniciativa de uma senhora norte-americana de 99 anos que costurava um vestido por dia para enviar às meninas africanas. Mas, Thereza Maria optou por agradecer as meninas do sertão nordestino. Saiba mais em <http://vestidodealgodaoparaasmeninasdosertao.blogspot.com/> acesso em 25 de set. de 2021.

desuso nos grandes centros por conta dos aparatos e recursos tecnológicos da atualidade e das práticas de comunicação que transformaram-se com tais avanços.

Imagem 1: professora/carteira Daniela entregando o convite ao 1º ano em nossa escola.



Fonte: arquivo dos pesquisadores.

A carta⁷, que com o advento das tecnologias digitais migrou para o formato eletrônico, e a troca de correspondências, conforme Diana (2020), atravessou “um processo de adaptação na forma de transmissão que deixou de ocorrer somente em papel e assumiu o meio eletrônico. Na atualidade, a forma de transmissão mais utilizada para a carta é o *e-mail*” (abreviatura de *eletronic-mail* - correio eletrônico). As crianças da nossa turma sentiram-se integrantes do projeto educativo proposto por Daniela e, do ponto de vista metodológico, a troca de correspondências, as ações que propiciariam encontros entre as crianças da turmas, evidenciava o protagonismo,

a experiência e a relação sócio-afetiva. [Nas quais], o importante é fazer bem menos variedade e mais profundidade. Essa profundidade dá as pistas sobre a reflexão que se faz sobre a criança e sobre a concepção de conhecimento como algo construído na relação entre os sujeitos. (LEITE, 2012, p. 29)

E a professora Daniela relatou-nos do envolvimento dos seus pequenos e também sugeriu uma pauta com algumas ações que poderiam ser desenvolvidas nesta parceria. Não há como dimensionar o valor de um projeto educativo que aproximou crianças de realidades

⁷ As cartas são o serviço postal mais tradicional dos Correios. São mensagens escritas à mão, pela internet ou por outro meio eletrônico e enviadas para entrega no endereço do destinatário; Disponível em < <http://www.correios.com.br/>> acesso em 05 nov. 2015.

socioculturais tão diferentes: as crianças de uma escola particular com as crianças de uma escola pública da periferia da cidade, a oportunidade de ampliação de repertório e de vivências compartilhadas.

E na organização das proposições pedagógicas, partimos da percepção do protagonismo das crianças nas ações, compreendendo-as na condição de “seres históricos, políticos e culturais” (KRAMER, 1996, p. 13 e 14, com plenas condições para o exercício da sua autoria. Crianças concebidas “na sua condição de sujeito histórico que verte e subverte a ordem e a vida social.” Crianças/potências, cabendo a nós, professores(as) e acadêmicos(as) do PIBID⁸, organizar os cenários e as condições para o mais pleno desenvolvimento dos nossos alunos. O PIBID atuante na presente experiência era o Subprojeto de Artes Visuais - UNESC⁹.

Dentre as ações elencadas – as quais se transformaram em vivências que detalharemos mais adiante – a que mais encantou desde o início nossas crianças, foi a possibilidade de uma visita da artista plástica Maria Cininha em nossa escola, ação prevista e que ocorreu no início de outubro daquele ano.

Imagem 2: convite para o encontro com a artista Maria Cininha em nossa escola



Você é nosso convidado(a)!

Fonte: arquivo dos pesquisadores

⁸ O PIBID é um projeto criado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e atende as diretrizes do Ministério da Educação (MEC). Tem como finalidade a valorização da carreira do magistério, estreitando cada vez mais a relação entre Universidade e escola. Juntamente com professores das escolas contempladas, os bolsistas planejam e participam das propostas metodológicas, ajudando na execução de práticas de ensino–aprendizagem. O Subprojeto de Artes Visuais do PIBID UNESC (2014-2018) foi coordenado pelas professoras Dra. Aurélia Regina de Souza Honorato e Ma. Silemar Maria de Medeiros da Silva, também orientadoras da presente escrita.

⁹ Universidade do Extremo Sul Catarinense - A Unesc tem como missão "educar, por meio do ensino, pesquisa e extensão, para promover a qualidade e a sustentabilidade do ambiente de vida". Tem como visão "ser reconhecida como uma Universidade Comunitária, de excelência na formação profissional e ética do cidadão, na produção de conhecimentos científicos e tecnológicos, com compromisso socioambiental".

A brincadeira proposta no jogo com o som e o sentido das palavras no poema “Convite”, de José Paulo Paes, propõe um exercício envolvendo a imaginação e estimulando a fruição. O poético impõe diálogo com o sensível e, justamente neste ponto, arte e poesia encontram-se, complementam-se, amplificam-se mutuamente. E os diálogos entre o sensível e o cognitivo, quanto mais frequentes na escola, poderão acionar, abrir “mais portas de compreensão”, permitindo que significações outras sejam atribuídas às amplas e plurais produções culturais” apresentadas às crianças nas distintas etapas e ações que envolvem o processo ensino-aprendizagem (LEITE, 2021, p. 36). Reverberando naqueles que se permitem a este encontro com o sensível, ético e estético, artístico e que “convida” à interação e à interpretação, provocando sensações, produzindo sentidos e/ou despertando os sentidos, uma experiência com a arte. Experiência descrita em Bondía (2002) como “algo que nos toca, que nos acontece”, na contramão da rotina que tende a oprimir a imaginação e o verdadeiro ato de *pensar* em detrimento do cumprimento de tarefas e ações quase que mecanizadas. Rubem Alves (apud LAGO, 2008) escreveu que este *pensar* “é a arte de brincar com coisas que não existem. Pensamentos são brinquedos inexistentes. Esse é o objetivo principal da escola [- ou ao menos deveria ser -] ensinar a pensar, ou seja, a brincar com símbolos, coisas que não existem”. Não nos aprofundaremos, mas Rubem Alves nos propõe refletir que ciência e fruição pertencem a uma mesma raiz: a inteligência humana. Em se tratando do trabalho com crianças, é fundamental compreender o papel do lúdico, do jogo, da brincadeira e do brinquedo nos processos de aprendizagem. E ampliar “o imaginário e os repertórios de conhecimentos,” são essenciais na formação de professores(as) e nas práticas pedagógicas na escola (FITTIPALDI In: DERDYK, 2015, p. 14).

A criança ama brincar. Então, é importante lançar alguns questionamentos acerca do processo ensino-aprendizagem com crianças: como propiciar vivências/experiências pelo viés da ludicidade, do brincar, sem perder o foco no processo ensino-aprendizagem? Como elaborar práticas que estimulem o pensar, a familiarização e a apropriação das linguagens expressivas das artes? Quais seriam as atitudes primordiais e essenciais de professores(as) na Educação Básica para propiciar o protagonismo das crianças?

O *pensar* apresentado na ótica do autor José Paulo Paes (1996), que surpreende e permite “ver as coisas do mundo como se fosse pela primeira vez e exprimir essa novidade de visão da maneira mais concisa e intensa possível, numa linguagem onde só haja lugar para o

essencial, não para o acessório”. Não é tão normal e cotidiano, do contrário não seriam desafios e/ou inquietações necessárias ao Ensino da Arte, o qual só faz sentido na escola justamente no ponto em que questiona, contrapõe os sentidos pré-estabelecidos, tensiona as relações com vistas a aprendizagens significativas e transformadoras na escola. O que, segundo Pillotto (2001) requer um processo contínuo de “construção de um ensino da arte capaz de contribuir para a ampliação dos conhecimentos sensível e cognitivo.” Compreensão reforçada em Freire ao apontar que “a afetividade não se acha excluída da cognoscibilidade” (1996, p. 41). Como declara Manoel de Barros (2010) “a gente gostava das palavras quando elas perturbavam os sentidos normais da fala”.

Imagem 3: momento da leitura da carta recebida das crianças do infantil da professora Daniela: na direita, “outro presente do infantil”, materiais para as produções do primeiro ano.



Fonte: arquivo dos pesquisadores.

E as *Marias*, personagens autobiográficas da artista Maria Cininha adentraram a sala de aula convidando-nos a olhar a vida de forma poética e inusitada, pelas lentes da arte. E nos desafiando a desenvolver um trabalho que “tocasse” nossos alunos de um modo outro, impulsionando saberes e movendo-os a participarem ativamente das aulas.

2 ENTRE TESOURAS E PAPÉIS: ENCANTAMENTO E ENCONTROS NA ARTE DE MARIA CININHA

“Sim, sou Maria.
Estou longe do mar.
Sou mais pobre por isso.
Mas te espero em meu luar.
Teu caminho está limpo.
Varro as estrelas
pra debaixo
das nuvens espessas”

Fernando Coelho

A presença do desenho na obra da artista paulista Maria Cininha aparece envolta em poesia, sem preocupar-se com limites, não cabendo em padrões convencionais, tal qual os versos que abrem este capítulo. Nelas, o desenho emerge do contato da tesoura com papéis multicoloridos, exprimindo poéticas sensíveis, humanizadoras e afetuosas em um diálogo aberto com a arte e a vida, a arte e o cotidiano. Nas produções da artista, o desenho não se limita ao papel enquanto suporte material, não depende do tradicional gesto de um riscador para acontecer. Mas, projeta-se para além do imaginário da artista como portador de uma visão onírica, estética e poética de um outro modo de viver, ser e estar no mundo. O desenho na obra de Maria Cininha surge do recorte de papéis coloridos e se estabelece como “ponte de uma troca real, efetiva e afetiva” entre artista e espectador. E permite ser reconhecido como ato criativo de maneira tão natural quanto “comer, dormir e sonhar.” (DERDYK, 2015, p. 23).

Imagem/painel 4: algumas das ‘Marias’ - obras da artista Maria Cininha



Fonte: arquivo dos pesquisadores.

Trazer para as aulas de Arte uma artista nacional, viva e que realiza as suas criações com materiais acessíveis, propiciou a formação e a ampliação dos repertórios dos alunos: tanto em temática, quanto em materialidades, técnicas e possibilidades criativas para as atividades e experimentações práticas. Superar as obras de arte conhecidas e as biografias de artistas consagrados na sala de aula constitui-se em importante exercício ao professor(a) de Arte. E algumas impressões de trabalhos da artista Maria Cininha chegaram na sala de aula com uma carta/convite para as nossas crianças do primeiro ano conhecerem a escola e a turma

“convidante”. Sobre a importância de apresentar criações artísticas nas aulas de Arte, Ferraz e Fusari reforçam que o “fazer artístico e as elaborações sensíveis-cognitivas diante das próprias produções artísticas e de outros autores” constitui-se no parâmetro da consistência do programa de ensino oferecido (2010, p. 68). Em se tratando do ensino para crianças pequenas ou muito pequenas, as produções artísticas precisam chegar na sala de aula e possibilitar encontros, com a arte e a cultura.

E quando chegamos ao colégio da turma do Infantil, os alunos do colégio Eliza Sampaio foram recebidos pelas crianças, professores da turma e funcionários. Conheceram as salas de aula e outros espaços, apreciaram alguns dos trabalhos feitos pelas crianças e brincaram. A oportunidade de adentrar um novo universo provocou a curiosidade e a criatividade de todas as crianças.

Após a apresentação da chegada, a carta das crianças do primeiro ano foi entregue a dois alunos, que tiraram fotos e receberam uma salva de palmas. Seguimos para o ginásio de esportes, juntamente com o professor de Educação Física, onde todos se reuniram para a recreação para que os alunos se enturmassem uns com os outros. Logo foram à pracinha do colégio brincar, os alunos do colégio Eliza Sampaio ficaram encantados com os brinquedos, principalmente com os triciclos. Exploraram um novo mundo e lidaram com as diferentes possibilidades de experiências naquele lugar.

Imagem/painel 5: encontro dos alunos do 1º ano na escola da turma do Infantil



Fonte: arquivo dos pesquisadores.

Para produzirem cultura, as pessoas dependem diretamente das suas vivências criativas, imaginativas e sensoriais. A “bagagem cultural” de cada pessoa. Compreendendo que, no universo artístico/cultural, o

[...]conhecimento básico é a concepção de visualidade gerada no cotidiano cultural, mas sem deixar de trabalhar as noções que envolvam as habilidades de produção e análises de formas visuais a partir do ver, imaginar, descobrir, inventar. Ou seja, é preciso desenvolver concepções a respeito de como essas formas se configuram para nós e também organizar possibilidades de reformar e transformar essas configurações, com significado cultural. (FERRAZ E FUSARI, 2010, p. 69)

Sendo assim, as escolas precisam buscar referenciais que contribuam na superação do senso comum, da mesmice, fortalecendo e estimulando a atuação crítica das crianças. Com a presença de culturas na educação, favorecendo as crianças a serem mais curiosas, criativas e autônomas. Reforçamos a importância da formação de sujeitos acolhedores quanto às diferenças para a construção de um mundo menos desigual, que acolha melhor as diferenças e perceba a potência da diversidade. É inquestionável que todas as pessoas - independente das suas distintas e singulares formações culturais, atividades que exercem, origens diversas -, “são inatamente criadoras. O que nos impede de exercer o nosso desejo criativo?” (DERDYK, 2015, p. 25). A presente escrita certamente não dará conta de responder a este e outros questionamentos (nem é nossa intenção!), mas apontaremos algumas vias possíveis da construção do que chamaremos de “o ser da poesia”.

3 O FAZER ARTÍSTICO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DO DESENHO COM A TESOURA

O desenho surge na infância através da necessidade que a criança possui de expressar sentimentos, ideias e sensações. Conferindo ao ato de desenhar uma presença considerável no cotidiano da criança, que desenha em espaços, tempos, motivações, circunstâncias e com os materiais que estiverem ao seu alcance: na areia, na terra, no ar, com pedrinhas, gravetos, com o dedo, com brinquedos e outros objetos etc. Eis alguns dos indícios que necessitam ser observados por professores(as), não somente de Arte, mas de áreas e atuações distintas que envolvam a formação humana e, especificamente, para aqueles(as) pessoas comprometidos(as) com a formação de crianças. Enquanto as pessoas adultas têm uma noção mais precisa dos seus limites, dos seus contornos, a este respeito, a

professora/artista/pesquisadora Edith Derdyk (2005, p. 24) diria que crescemos dentro de uma roupa cada vez mais apertada. A criança

é um ser em contínuo movimento. Este estado de eterna transformação física, perceptiva, psíquica, emocional e cognitiva promove na criança um espírito curioso, experimental. Seu olhar aventureiro espreita o mundo a ser conquistado. Vive em estado de encantamento diante dos objetos, das pessoas e das situações que a rodeiam. (DERDYK, 2015, p. 24)

E o projeto educativo proposto pela professora Daniela, meses antes, foi propiciando ações que oportunizaram exercícios que movessem a formalidade na qual o cotidiano vai sendo impregnado. E devolvessem às crianças do primeiro ano uma formação mais poética, condizente com as necessidades e a forma com que aprendem e apreendem o mundo à sua volta. E, para nós professores (em formação inicial e permanente), a percepção da importância de experimentar processos criativos em nosso cotidiano, compreendendo que

o ser poético que é a criança só é possível quando os professores se percebem como pessoas capazes de viver o estranhamento, que é o ser da poesia, quando o professor descobre nele mesmo o prazer da criação. (MOREIRA, 1993, p.23).

E que, continuamente, o professor(a) precisa criar espaços e vivenciar situações nas quais possa dar vazão ao exercício da sua criatividade, com lápis, tinta, madeira, papéis, tesoura, cola, palavras, sons, argila ou o que estiver à sua disposição. Um processo de formação infantil antecede o ensino formal na escola, mas, infelizmente, a educação do olhar e do sensível, vai gradativamente sendo relegada ao segundo plano em detrimento das “atividades mais importantes”... Isso demandaria um outro estudo, então seguiremos no relato das experiências com a arte de Maria Cininha no projeto educativo em parceria com a turma da professora Daniela.

Imagem 6: alunos do 1º ano no “jogo do espelho” durante o projeto educativo.



Fonte: arquivo dos pesquisadores.

4 “O QUE OS REFLEXOS DAS CRIANÇAS NO ESPELHO NOS DIRIAM *SOBRE E PARA AS NOSSAS AULAS?*”

Antes de prosseguir, faria um pertinente comentário da imagem anterior do “jogo do espelho”: destacaria a necessidade do “olhar para si”, enquanto exercício permanente na nossa docência. E a percepção do “retrato” devolvido pelo espelho e a orientação de que este “retrato” pudesse ser analisado à luz de pertinentes referenciais teóricos da nossa área de atuação, da educação e de outras áreas curriculares. Ana Mae Barbosa nos apontaria que no leque de linguagens artísticas, “as visuais, tendo a imagem como matéria prima, tornam possível a visualização de quem somos, de onde estamos e de como sentimos”. (2010, p. 99)

O ato de desenhar pode promover um processo expressivo integrando a ludicidade, a imaginação e a sensibilidade estética de cada sujeito, valorizando suas características pessoais. Nos traços produzidos no papel ou em outros suportes a criança pode nos transportar para o seu mundo imaginário ao mesmo tempo que o expressa: de uma linha podem surgir estradas, balões, casas, pessoas e uma infinidade de personagens e lugares. Segundo Javelberg, envolvidas em processos de criação, “as crianças agem com vigor ao desenhar. Experimentam movimentos e matérias oferecidos sem medo, fazendo-os variar por intermédio de suas ações.” (2013, p. 35). E quando o professor tem clareza dos processos de aprendizagem em desenho ou outras linguagens, terá mais condições de transformar seu ensino e as aprendizagens das crianças.

Em linhas gerais, constata-se que no período que antecede o processo de alfabetização¹⁰, a linguagem do desenho é gradativamente abandonada e/ou relegada ao plano das atividades complementares. E a capacidade expressiva da criança, que antes se permitia à experimentação, assimilação de novas referências presentes em seu percurso pessoal com o desenho, vão se dissipando ou estagnando. Fica no ar uma imagem de que a Arte é a disciplina na qual é permitida “mexer com a mão. Já as atividades mais sedentárias são relacionadas com a cabeça” (DERDYK, 2015, p. 28), como se não estivéssemos nos referindo ao mesmo e completo ser: a criança e a sua formação.

¹⁰ Referência direta ao processo de aquisição e domínio da escrita e da leitura na escola.

Imagem/painel 7: alunos do 1º ano em oficinas práticas no “desenho com a tesoura”



Fonte: arquivo dos pesquisadores.

O contato com a arte de Maria Cininha no primeiro ano da Escola Eliza Sampaio, a abordagem diferenciada no processo de desenhar que a artista propõe, reforçam a importância que o desenho possui na educação das crianças e na sua formação estética, artística e cultural. Trazem à tona a oportunidade de trabalhar a linguagem do desenho a partir de uma metodologia diferenciada, inspirada nas produções da artista Maria Cininha. Modo que ressignifica o papel da tesoura como ferramenta para o fazer artístico no processo de criação. Questão que move reflexões acerca da nossa compreensão a respeito das linguagens da arte na educação. Muito propício a um percurso envolvendo professor e acadêmicos de Artes Visuais em um programa de iniciação à docência (o PIBID). Precisamente porque as concepções mais contemporâneas a respeito do desenho, passam

a designar processos que mantêm um afrouxamento das categorias e o desmantelamento das fronteiras interdisciplinares. [Momento] em que a arte assumiu muitas formas e nomes diferentes. (OLIVEIRA, 2013, p. 14)

Quando pensamos na tesoura, cotidianamente a imaginamos apenas como ferramenta para recortes aleatórios ou uma tarefa específica e com contornos bem delimitados envolvendo tal ação. Porém a artista Maria Cininha propõe nos apropriarmos da mesma a fim de experimentarmos uma nova forma de criação. Sua proposta, aparentemente simples, pede que esqueçamos do lápis, da borracha e passemos a ampliar o nosso olhar para uma nova maneira de produzir arte. Mazzamati (2012) reforça que “a organização auxilia o nosso dia a

dia e nos faz sentir mais seguros e estruturados perante a vida. Olhando sob outro ponto de vista, a rotina também pode estagnar a nossa curiosidade.” Recorrendo à etimologia das palavras, percebemos que uma das significações da palavra “desenhar” vem de “ordenar”, ou seja, a tesoura também pode ordenar, dar forma, assim desenhando, apesar de ser uma ferramenta pouco comum/usual para o desenho nos moldes convencionais.

Imagem 8: alunos do 1º ano “desenhando com a tesoura”



Fonte: arquivo dos pesquisadores

Nos momentos de vivenciar o desenho com a tesoura, realizamos oficinas com o “jogo do espelho” e, na sequência, os alunos realizaram seu autorretrato¹¹. O professor chegou na sala de aula com uma mala que gerou grande expectativa entre as crianças ao serem indagadas quanto ao conteúdo. Os papéis multicoloridos e com superfícies diferentes, tubos de colas e algumas cópias coloridas das obras da artista Maria Cininha encontravam-se no interior da “mala dos papéis”, como passou a ser chamada depois do encontro. Havia também um espelho, no qual as crianças puseram-se a se olhar, fazendo caretas, poses e se percebendo, exercitando, depois, formas de se projetar nas técnicas e materiais ofertados.

De início, evidenciaram-se algumas reações e auto percepções negativas por parte de alguns alunos, sobre si e também do desafio proposto quanto a “desenhar com a tesoura”. Realizamos uma roda de conversa para ouvir, acolher e lançar percepções outras de si, dos

¹¹ **Autorretrato:** representação de si mesmo realizada por uma pessoa. (Algumas das formas mais usuais para fazer autorretratos: desenho, pintura, fotografia, escultura, gravura, colagem, descrição escrita ou oral, entre outras.)

colegas e do grupo. Quanto ao desafio de desenhar não utilizando o lápis e meios mais convencionais para realizar seu autorretrato, aos poucos foi sendo melhor compreendido e aceito pelos alunos. Da inicial - e até aguardada - resistência à nova abordagem em desenho, à interação e novas aprendizagens. Além das produções, que revelaram um resultado visual, compositivo, o processo de desenhar com a tesoura foi rico em experiências. A esse respeito, Mazzamati (2012) salienta que “o desenho oferece tanto no seu fazer quanto na sua leitura” e, durante as aulas seguintes, as crianças foram demonstrando um ressignificar da auto percepção inicial e das dificuldades de usar a tesoura para criarem os seus desenhos. Enquanto realizam suas produções, trabalhos que envolvam criação, Moreira salienta que os alunos tendem a

buscar dentro de si o que tem a dizer e não ter medo de dizer, buscando recuperar no seu traço a sua palavra. E deixar a mão correr, brincar, seguindo os olhos e o coração, deixando os pensamentos e sensações marcados no papel. Inscrevendo sua marca. Marcando sua presença. (1993, p. 29)

Uma presença que “expande, amplia” a compreensão tradicional de desenho com traços e forma, para um “novo traçado”, no corte, no recorte e na composição que surge na colagem, na sobreposição, na justaposição. O desenho que se faz no gesto, na ação e emerge da interação, das crianças umas com as outras, com as imagens apresentadas e com o percurso que vão construindo nas aulas. A proposta em sala de aula desdobrou-se ainda na criação de um painel expositivo com as produções realizadas pelas crianças. Em um segundo momento cada aluno teve uma de suas produções transformadas em estampa para uma camiseta, a qual foi apresentada pela ação da escola que visitamos.

5 COLAGEM ENQUANTO LINGUAGEM: FORMAÇÃO DOCENTE E DISCENTE

Uma experiência que contribuiu em nossa formação, tanto para acadêmicas bolsistas quanto para o professor supervisor do Pibid de Artes Visuais, foi a oficina realizada pela artista Maria Cininha em um dos nossos encontros na Universidade um dia antes de visitar as crianças da nossa escola. Pudemos conhecer um pouco mais a obra da artista e as sutilezas presentes na “linguagem da colagem¹²” como a própria Cininha define a sua particular forma de produzir arte. Por exemplo, quando nos foi sugerido evitar o efeito estampa, no qual a

¹² Relato da artista Maria Cininha durante a oficina realizada com os acadêmicos bolsistas do Pibid de Artes Visuais Unesc na própria Universidade.

produção com papel e cola fica toda plana, chapada, com o trabalho todo colado na superfície. A dica da artista foi que poderíamos aplicar cola apenas em partes, em pontos dos recortes ou no suporte, deixando outros soltos e trabalhando com os efeitos do material. A respeito da colagem, Fonseca (2009, p.1) destaca que as experimentações se ampliam no processo, o qual

Não se dá apenas no ato de colar, mas sim na relação com a imagem, desde o momento da escolha, passando pelo recorte, ou seja, o distanciamento que se faz da imagem em relação a seu cenário normal, indo para o ato de colar, ou simplesmente unir esse elemento a outros, dando a ele outro significado na composição.

A artista Maria Cininha também confidenciou que a arte do francês Henri Matisse transformou o seu olhar enquanto artista, ampliando a sua percepção da colagem para além de uma técnica, situando-a como linguagem, com possibilidades únicas na criação artística. E que ao viajar a Paris e apreciar colagens realizadas pelo francês sentiu-se *tocada* de maneira singular pela obra em colagem do mestre. Matisse utilizou a colagem em um período no qual passou por um tratamento de saúde por conta da intoxicação provocada pelas tintas.

Influências que moveram a pesquisa da artista que passou a perceber as colagens não somente como um processo/estágio para outras produções, mas como produção, a sua particular forma de expressão em si. O relato da artista nos faz pensar na importância, diríamos a necessidade de experiências diversificadas *em arte e com arte* na Educação Básica. Experiências que nos permitam ver e experimentar possibilidades outras nas aulas que ministramos aos nossos alunos. Segundo Santos (2013, p. 3), experiências que demandem

[...] tempo, silêncio, espaço. [Requerendo] parar para pensar, olhar mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os ouvidos, aprender a lentidão, escutar os outros e buscar o equilíbrio no caos.

Enquanto pibidianos de Artes Visuais, foi necessário vivenciar essa experiência com a colagem para apreciá-las de um modo diferente: nosso olhar se modificou em relação a colagem, ampliando nossa percepção reducionista da mesma enquanto técnica ou recurso didático. E pretendemos levar esta concepção para as nossas turmas o futuro.

Imagem 9: oficina na universidade com a artista Maria Cininha – Pibid UNESC.



Fonte: arquivo dos pesquisadores.

E nas aulas junto com as crianças tivemos a oportunidade de descobrir a importância de se pensar uma educação a partir do par *experiência/sentido*. Experiências que cheguem feito convites e perpassem, atravessem o limite da mera atividade e se configurem em práticas emancipadoras. Segundo Bondía (2002) a experiência “é o que nos passa, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece ou que toca.” Pensamento que Santos reforça ao pontuar que

A experiência está diretamente relacionada com o que sentimos, com o que se dá ao percebermos o outro. Trata da possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto quase impossível nos tempos atuais. (2013, p. 3)

Vivenciar o entusiasmo das crianças com a descoberta da possibilidade de desenhar com tesoura, usando ainda cola e papéis diversos, inspirados no contato com as produções da artista Maria Cininha e as ações do projeto educativo da professora Daniela, constituiu uma experiência que “tocou” nossas vida e nossas formações de um modo único. Ampliou o repertório das crianças conhecer os processos de expressão da artista: a linguagem da colagem, a qual Fonseca (2009) reforça que “em sua essência contribui para diversos processos de criação além do [mero] uso da cola e do papel.” Desde as vanguardas do início do século XX, a colagem é uma forma de expressão apreciada e utilizada por alguns artistas a fim de romper com modos clássicos, únicos e cristalizados nas artes. E estes artistas romperam fronteiras quando empregaram a colagem, não apenas como parte do processo de criação, mas, instaurando um ato criador, revelando que os processos também são importantes em artes. E na escola, o processo revela a riqueza na formação dos alunos, na interação diária com as proposições

pedagógicas. Portanto, a importância do professor(a) perceber que o planejamento transforma-se na medida em que a turma se move nos encontros com os saberes, práticas e desafios das aulas.

6 CONSIDERAÇÕES

Transformar as aulas em encontros evidencia o papel mediador do professor(a) no processo ensino e aprendizagem. Ampliar o repertório dos alunos constitui-se desafio permanente na organização de projetos educativos que mobilizem recursos e propiciem o acesso dos alunos aos bens culturais. Especialmente quando se trata de crianças, período importante na formação de valores e atitudes para uma vida que está além dos muros escolares. É no mundo que a vida acontece.

Processos de apropriação e produção cultural puderam ser vivenciados pelas crianças, que neste processo transformaram-se e perceberam o mundo à sua volta de maneira também diferente. A educação do olhar, que segundo Leite e Ostetto (2005) “tem o potencial de fazer com que a realidade seja olhada indiretamente e, assim, transformada no presente, para consolidarmos e avançarmos o conhecimento e a experiência do ensino da arte.” E na sala de aula, junto com as crianças, pudemos oportunizar exercícios que formaram um novo olhar para a colagem enquanto linguagem, forma e possibilidade de expressão.

Na escola, faz-se fundamental oportunizar experimentações com linguagens artísticas diversas envolvendo a expressão, a comunicação e o desenvolvimento integral das crianças. Para Martins, Picosque e Guerra (2009, p. 96), “se a escola valorizar apenas o sistema da linguagem oral ou escrita, não dará oportunidade para realização de experiências que podem ampliar a competência simbólica”. E a linguagem da arte tem papel potencial no desenvolvimento desta competência.

É na convivência com outras crianças, os adultos e o meio que “a criança reconhece o desenho como um tipo de linguagem e passa a fazer uso dela como mais uma forma de comunicação”. E a linguagem do desenho auxilia a criança no desenvolvimento e estruturação das “suas invenções internas, emocionais, simbólicas e cognitivas”, também “na construção de si mesma e da própria cultura”. (MAZZAMATI, 2012, p. 06)

As diversas formas de registros que são feitas *das e com* as crianças, fotografias, escritas, cartas, produções em desenho, colagem e outras possibilidades plásticas - e inclusive

a presente escrita -, constituem “mais que uma recordação, são partes da história vivida pelas crianças e para elas mesmas.” Ações vivas e comunicáveis, como os personagens que as crianças criam nas aulas de Arte ou de outras disciplinas. Imagens que evocam as crianças no processo, “participando intensamente de tudo.” E tais registros, podem ou não, vir acompanhados de textos. Neste momento, deixamos a proposição de reticências... o que “diferentemente da ideia de culminância, o que está aí expresso é o cotidiano.” (LEITE, 2012, p. 31) A riqueza inestimável das experiências que nos atravessam cotidianamente nos projetos educativos com crianças na escola. E “a experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova.” (BONDÍA, 2012, p.25). Nosso desejo é que a escola possa transformar-se, pela poesia e a criação artística, em lugar de experimentação.

REFERÊNCIAS:

BARBOSA, Ana Mae. (Org.) **Arte/educação contemporânea – Consonâncias Internacionais**. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

BARROS, Manoel de. **Menino do Mato**. São Paulo: Leya, 2010.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Trad. João Wanderley Geraldy. **Revista Brasileira de Educação**. nº 19. Jan a Abr de 2002.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas**. Trad. Alfredo Veiga-Neto. 5. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. 5. Ed. Porto Alegre: Zouk, 2015.

DIANA, Daniela. **A carta como gênero textual**. Atualizado em fevereiro de 2020. Disponível em < <https://www.todamateria.com.br/a-carta-como-genero-textual/> > Acesso em 22 de set. de 2021.

FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo e FUSARI, Maria Felisminda de Rezende. **Arte na Educação Escolar**. 4. Ed. São Paulo, Cortez, 2010.

FONSECA, Aline Karen. Collage: a colagem surrealista. prof. orient. Alexandre G. Vilas Boas. In: UnG - **Revista Educação**. v. 4. n. 1. Guarulhos, SP: 2009. Disponível em < <http://revistas.ung.br/index.php/educacao/article/viewFile/462/569> > Acesso em 05/11/2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

IABELBERG, Rosa. **O desenho cultivado da criança**. 2. Ed. Porto Alegre: Zouk, 2013.

KRAMER, Sonia. Pesquisando Infância e Educação: Um encontro com Walter Benjamin. In: KRAMER, Sonia e LEITE, Maria Isabel. **Infância: Fios e Desafios da Pesquisa**. Campinas: Papyrus, 1996.

LAGO, Samuel Ramos. (org.) **O melhor de Rubem Alves**. Curitiba: Editora Nossa Cultura, 2008.

LEITE, Maria Isabel; OSTETTO, Luciana Esmeraldina. **Museu, educação e cultura: encontros de crianças e professores com arte**. Campinas: Papyrus, 2005.

LEITE, Maria Isabel; OSTETTO, Luciana Esmeraldina. **Arte, infância e formação de professores**. 7. Ed. 2. reimp. Campinas/SP: Papyrus, 2012.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa e GUERRA, Maria Telles. **Teoria e Prática do Ensino de Arte, A língua do Mundo**. São Paulo: FTD, 2009.

MAZZAMATI, Suzanne Goulart Mattos. **Desenho: Porque, como e o que ensinar**. Centro de Estudos Educacionais Vera Cruz – Cevec. II Congresso Nacional de Formação de Professores XII Congresso Estadual Paulista sobre Formação de Educadores. São Paulo: 2012.

MOREIRA, Ana Angélica Albano. **O espaço do desenho: a educação do educador**. São Paulo: Loyola, 1993.

OLIVEIRA, Gregório Soares Rodrigues de. **“Exercícios em espera”**: desenho expandido e prática poético-pedagógica. Trabalho de conclusão do curso de Artes Plásticas - Licenciatura. Brasília: 2013.

PAES, José Paulo. **Poemas para brincar**. Ilust. Luiz Maia. 17. ed. São Paulo: Ática, 2011.

PAES, José Paulo. **Quem, eu? Um poeta como outro qualquer**. São Paulo: Atual, 1996.

PILLOTTO, Sílvia Sell Duarte; SCHRAMM, Marilene de Lima Körting. **Reflexões sobre o ensino das artes**. Joinville, SC: Ed. UNIVILLE, 2001.

SANTOS, Maria Dilma Andrade Vieira dos. **Sobre a experiência do circo social na formação identitária das juventudes**. Orient. Prof. Dra Shara Jane Holanda Costa Adad. Mestrado em Educação da UFPI: 2013.